

PRÁTICA DOCENTE BASEADA NAS ABORDAGENS UNIVERSALISTAS: ESTRATÉGIAS PARA A INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TEA

Vanderléia Azevedo Ferreira ¹
Andréa da Silva Miranda ²

RESUMO

O Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) e o Ensino Colaborativo são abordagens universalistas baseadas em evidências científicas que têm em comum os seguintes pressupostos: estudantes são diversos entre si e únicos, ensino responsivo à diversidade, intervenção na classe comum com cerne no currículo padrão e objetivo de melhorar a qualidade do ensino para todos. Desse modo, como a prática docente baseada nos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem pode ser uma estratégia eficaz para promover a inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) na sala de aula comum? O DUA é uma possibilidade de intervenção para facilitar o processo de aprendizagem desses estudantes. O objetivo desse artigo é investigar e analisar as evidências disponíveis na literatura sobre a eficácia da prática docente baseada nos princípios do desenho universal para a aprendizagem para facilitar a inclusão e aprendizagem de estudantes com TEA. O estudo envolveu uma pesquisa exploratória por meio de revisão bibliográfica, com análise qualitativa de artigos científicos, dissertação de mestrado e tese de doutorado sobre os objetos de estudo, desenho universal para a aprendizagem, ensino colaborativo e práticas pedagógicas. Os resultados apontam para a eficácia das práticas pedagógicas inclusivas baseadas nos princípios do DUA, com destaque para a colaboração entre os professores do ensino comum e da educação especial, promovendo a participação e o engajamento de estudantes com TEA. Estratégias como a flexibilidade de apresentação, expressão e engajamento foram identificadas como fundamentais para atender às necessidades individuais desses alunos.

Palavras-chave: Educação especial inclusiva, Prática docente, TEA, DUA, Ensino colaborativo.

INTRODUÇÃO

O percentual de alunos com deficiência, transtornos do espectro do autismo ou altas habilidades, matriculados em classes comuns tem aumentado gradualmente, com exceção da EJA, as demais etapas da educação básica apresentaram mais de 90% de alunos incluídos em classes comuns em 2022 (Censo/INEP, 2023). Logo, a chegada desses alunos nas escolas criou várias demandas, a escolarização é uma delas, um desafio para os professores da sala comum. Por sua vez, é necessário pensar em estratégias de ensino que renove as práticas pedagógicas e garanta o acesso, permanência, participação e aprendizagem dos alunos com deficiência (LBI, 2015), em específico nesse estudo, os autistas.

Nesse contexto, diante do desafio das práticas pedagógicas inclusivas, abordaremos a proposta teórica do DUA como ferramenta em potencial no desenvolvimento de práticas que

¹ Mestranda do Programa de Mestrado Profissional de Educação Inclusiva em Rede Nacional-PROFEI da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA, vanderleia.ferreira@unifesspa.edu.br;

² Professora orientador: Doutora em Engenharia da Produção de Sistemas, UFSC-SC, andrea.miranda@ufra.edu.br

possibilitem a inclusão de estudantes com TEA. O objetivo desse artigo é investigar e analisar as evidências disponíveis na literatura sobre a eficácia da prática docente baseada nos princípios do desenho universal para facilitar a inclusão e aprendizagem de estudantes com TEA.

No caso das Pessoas Autistas os desafios são maiores devido à abrangência das características comportamentais e a complexidade do espectro, que exige da dinâmica escolar mudanças significativas em suas estruturas pedagógicas. Devido a essas especificidades, esses alunos podem vivenciar situações de extremo desconforto caso a metodologia de ensino não seja adequada às suas especificidades. Porém, sabe-se que esse processo de transformação escolar não é simples, pois o foco precisa estar no potencial dos alunos e em desenvolver as suas habilidades.

De acordo com o levantamento teórico “O DUA considera a variabilidade/diversidade dos estudantes ao sugerir flexibilidade de objetivos, métodos, materiais e avaliações, permitindo aos educadores satisfazer carências diversas.” (Herdero, 2020, p. 735). O Ensino Colaborativo é um tipo de serviço de apoio à escolarização dos estudantes público-alvo da educação especial, que pode ser mais uma alternativa de apoio ao trabalho do professor da educação especial em prol da escolarização do aluno com TEA na sala de aula, “envolve um trabalho de parceria em sala de aula entre professor de Ensino Comum e o professor de Educação Especial”. (Capellini; Zerbato, 2019, p. 35).

Os resultados e evidências sugerem que o DUA oferece um quadro sólido e abrangente para a criação de ambientes de aprendizagem acessíveis e inclusivos. Além disso, apontam para a importância de uma abordagem centrada no aluno, que reconheça as peculiaridades e valorize as habilidades e potencialidades do estudante com TEA quando utilizado uma variedade de recursos, estratégias e oportunidades de aprendizagem. O Ensino Colaborativo favorece o processo da educação inclusiva e possibilita aos professores uma formação permanente no próprio contexto de trabalho, nessa perspectiva, todos os estudantes, públicos-alvo ou não da Educação Especial convivem, participam e aprendem em um mesmo espaço escolar.

Ambos subsidiam essa pesquisa que tem como tema a prática docente, em específico a inclusão e escolarização dos estudantes com transtorno do espectro do autismo na sala de aula comum, considerando as estratégias de ensino baseadas em evidências científicas dos estudos contemporâneos universais. Especificamente, o estudo buscará:

1. Investigar as principais características do Desenho Universal para a Aprendizagem e sua aplicabilidade no contexto educacional inclusivo;
3. Analisar os efeitos do DUA na participação, engajamento e aprendizagem dos alunos com TEA.

REFERENCIAL TEÓRICO

A partir de dispositivos normativos como (BRASIL, 2008) que garantem a escolarização do público-alvo da Educação Especial, a saber: Pessoas com deficiência, pessoas com transtorno do espectro do autismo, pessoas com altas habilidades e superdotação no ensino comum, foram reforçados os pressupostos de educação especial na perspectiva inclusiva que oferece serviços de apoio especializados para efetivação da inclusão escolar com acesso à aprendizagem.

A educação contemporânea não se constitui somente do uso das novas tecnologias e do domínio do conhecimento, mas, também, do conhecimento do processo de aprendizagem, e o desenho universal para a aprendizagem vem nessa perspectiva de proporcionar aos educadores uma referência para entender como criar currículos que atendam às necessidades de todos os estudantes. Nesse cenário, (Heredero, 2020, p. 735) descreve:

O DUA é uma referência que corrige o principal obstáculo para promover alunos avançados nos ambientes de aprendizagem: os currículos inflexíveis, tamanho único para todos. São precisamente esses currículos inflexíveis que geram barreiras não intencionais para o acesso ao aprendizado. Os estudantes que estão nos extremos, como os superdotados e os com altas habilidades e os estudantes com deficiências, são particularmente vulneráveis. Um desenho curricular deficiente poderia não atender a todas as necessidades de aprendizagem, incluindo os estudantes que poderíamos considerar na média.

O DUA pode auxiliar os educadores a identificar as barreiras presentes nos currículos atuais e planejar suas atividades curriculares (objetivos, métodos, materiais e avaliações) para minimizar barreiras, assim como otimizar os níveis de desafios e ajudas. Os pontos evidenciados traduzem a importância da formação docente continuada e intervenção no contexto escolar com estratégias de ensino inclusivas. A importância de planejar é destacada por (Prais, 2016, p.60) “planejamento docente como uma ação indispensável para o exercício da docência, uma atividade de pesquisa e estudo, uma previsão das ações, uma avaliação pedagógica do ensino e da aprendizagem, e uma reflexão sobre o quê, para quê e como ensinar.”

Diante do desafio de transformar as escolas em ambientes inclusivos e que atenda a diversidade de alunos, surgiu o conceito *Universal Designer Learning (UDL)* nos Estados Unidos em 1999 no Centro de Tecnologias Especiais Aplicadas (CAST), aqui no Brasil traduzido como Desenho Universal para a aprendizagem (DUA). O DUA está fundamentado em pesquisas científicas sobre a aprendizagem, apontando que “o modelo leva em consideração

três redes neurais envolvidas na aprendizagem (reconhecimento, estratégica e específica), evidenciadas em pesquisa sobre imagens cerebrais [...]” (Mendes, 2023, p.34).

Para o alcance disso, o *CAST* (2018) estabeleceu três princípios para promover a aprendizagem universal baseados na investigação neurocientífica que orientam o DUA: Representação, Ação e Expressão e Engajamento.

O primeiro princípio relaciona-se a apoiar a aprendizagem dando acessibilidade à tarefa de reconhecimento e, para tal, são fornecidos múltiplos métodos flexíveis de apresentação do conteúdo. O segundo princípio implica em apoiar a aprendizagem estratégica e isso envolve permitir métodos múltiplos e flexíveis de ação e expressão na forma como os/as alunos/as irão demonstrar o que aprenderam. Por último, há que se considerar o princípio do engajamento ou da motivação, pois a aprendizagem afetiva, que necessariamente acompanha todo o processo, estabelece-se por meio de opções variadas de envolvimento. (Mendes, 2023, p. 113-116).

Não há um único meio que seja ideal para todos os alunos em todos os contextos. Portanto, é relevante proporcionar múltiplos métodos de ensinar. O Desenho Universal para a Aprendizagem busca eliminar as barreiras tradicionais ao aprendizado, promovendo um ambiente inclusivo que atenda às necessidades de todos os alunos, oferecendo diferentes caminhos para que alcancem o sucesso acadêmico e pessoal. Existem muitas propostas que podem ser usadas como meios para a promoção de um ensino inclusivo. Portanto, a opção pela utilização de uma estratégia ou a implementação de um serviço ou a elaboração de um recurso não exclui a possibilidade de se pensar, organizar e reorganizar o ensino de formas variadas para melhor atender cada estudante.

Alguns poderão necessitar de um apoio individualizado para determinadas atividades e para outras não, enquanto que outros alunos necessitarão de mais tempo para realização de algumas tarefas, e outros não. O que não pode acontecer no ensino, em turmas inclusivas, é a utilização das mesmas práticas, da mesma estratégia ou do mesmo recurso para todos os alunos. (Zerbato, 2018. p. 64).

O DUA reconhece que cada aluno é único e pode aprender melhor de maneiras diferentes. Ao adotar esse conceito, os educadores procuram criar um ambiente onde a diversidade seja não apenas tolerada, mas valorizada como um recurso para enriquecer o processo educacional.

O Desenho Universal para a Aprendizagem é uma abordagem pedagógica que visa tornar o ambiente de aprendizagem mais inclusivo e acessível a todos os alunos, independentemente das suas diferenças individuais, habilidades ou características. Essa estratégia é baseada na ideia de diversidade e, portanto, o processo de ensino deve ser flexível

o suficiente para atender às necessidades variadas dos alunos desde o início, eliminando ou reduzindo as barreiras de aprendizagem. Em vez de adaptar as aulas apenas para atender a um grupo específico de alunos com necessidades especiais, o DUA propõe a criação de ambientes de aprendizagem que sejam naturalmente acessíveis a todos.

De acordo com a quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da American Psychiatric Association (DSM 5) o Autismo foi reconceitualizado como um “espectro”, atualmente Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), um transtorno do neurodesenvolvimento que caracteriza-se pelo comprometimento de dois domínios centrais: 1) déficits na comunicação e interação social com prejuízos persistentes na comunicação social recíproca, nos comportamentos comunicativos não verbais utilizados para a interação social e no desenvolvimento e 2) padrões repetitivos e restritos de comportamento, interesses ou atividades. (APA, 2014).

Tendo em vista as características do espectro, educandos com TEA demandam ações específicas para construção de conhecimentos acadêmicos, exigindo que o professor tenha conhecimento das funções cognitivas como atenção, percepção, memória, pensamento e linguagem; funções executivas e habilidades sociais. “A abordagem do DUA permite que alunos com deficiência, como os alunos com TEA que tem especificidades em termos de aprendizagem, possam acompanhar o currículo.” (Borges; Schmidt, 2021, p. 31). Também destacam:

A palavra universal, no Desenho Universal para Aprendizagem, costuma confundir. A princípio, parece que universal significa o mesmo para todos. E não é disso que se trata no DUA, pelo contrário. A palavra universal se refere ao respeito às características individuais dos alunos. O fundamental na abordagem do DUA é o entendimento de que cada aluno tem necessidades únicas e aprende de forma diferente. Não existe uma solução única para todos e a estrutura do DUA facilita o acesso do aluno ao currículo através do reconhecimento das diferenças individuais. ((Borges; Schmidt, 2021, p. 33).

Tomando como base as características que configuram o TEA, é preciso saber quais são as estratégias de escolarização que os docentes precisam conhecer para mediar o conhecimento. São muitas as possibilidades que garantem acessibilidade aos educandos com TEA, que podem estar associadas às estratégias do DUA. Uma delas é o Plano de Desenvolvimento Individual (PDI) ou Plano de Ensino Individualizado (PEI). O DUA não exclui a importância desses meios de apoio educacional.

É preciso conhecer os alunos, principalmente aqueles que têm alguma deficiência. O PDI ou PEI, na perspectiva do DUA é fundamental, pois permite conhecer o aluno. É

importante propiciar um currículo onde o desafio seja apropriado, o aluno deve aprender, mas não deve sofrer para aprender. É preciso ter metas para o aprendizado e o DUA permite eliminar as barreiras para o acesso ao currículo e a participação na sala de aula. (Borges; Schmidt, 2021, p. 36)

Outra estratégia é o uso de Tecnologia Assistiva (TA) que tem o objetivo de promover a participação das pessoas com deficiência às atividades. A Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) pode ser uma aliada para alunos que demandam de suporte individualizado.

Tecnologia de Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) são métodos de comunicação e expressão. Na escola, tais métodos oferecem suporte para que os alunos consigam desempenhar tarefas, mesmo que possuam dificuldades com linguagem expressiva e/ou mobilidade. CAA na sala de aula pode servir a diferentes propósitos, incluindo expressão de vontades e necessidades, transferência de informação, aproximação social e convenções sociais. CAA também é descrita como possuindo o objetivo de aumentar habilidades de comunicação, leitura e escrita, assim como de diminuir problemas de comportamento. (Orsati, 2013, p. 216).

Implementar o DUA requer flexibilidade por parte dos professores na criação de suas aulas e no uso de diferentes estratégias de ensino. Isso significa que as avaliações também são adaptadas para dar espaço à diversidade de habilidades e estilos de aprendizagem dos alunos, permitindo que demonstrem seu conhecimento da maneira que lhes seja mais adequada. “A diversidade existe entre todos os alunos e está presente em toda sala de aula regular, e inclui diferentes experiências familiares, diferenças de ritmos de aprendizado, de estilos e de interesses.” (Orsati, 2013, p. 214). E para aprimorar esse trabalho prático na sala de aula, a parceria entre o professor especialista da educação especial e o professor da sala comum seria uma aliada nessa estratégia promissora.

O ensino colaborativo, também conhecido como coensino é uma proposta de trabalho que visa contribuir na colaboração da escolarização do aluno público-alvo da educação especial por meio da parceria entre professor de Educação Especial e professor do ensino regular. O trabalho em conjunto dos profissionais da educação pode ser uma proposta em prol da inclusão. Não está previsto em legislações como um apoio obrigatório a ser ofertado pelos profissionais da Educação Especial, porém pode ser mais um modo alternativo de apoio à inclusão escolar, um complemento ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) da Sala de Recursos Multifuncionais (SRM), que é um serviço de apoio previsto na política brasileira de inclusão escolar, e envolve atendimento escolar complementar ou suplementar no contraturno da classe comum.

No Brasil, o Ensino Colaborativo e o PEI não estão garantidos nos documentos normativos e políticas da Educação Especial, apesar desses documentos apontarem a

importância da construção de um trabalho colaborativo e a elaboração de um planejamento que atenda às diferenças. (Capellini; Zerbato, 2019, p. 37).

No cenário da inclusão escolar, a figura do professor do atendimento educacional especializado, por meio do trabalho colaborativo, pode estabelecer-se como um agente no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, que fortalece a parceria por meio do trabalho colaborativo na escola, pois além de trabalhar de forma individualizada com o estudante com deficiência, tem a função de apoiar o professor da classe regular, de ajudá-lo na compreensão do trabalho com esse aluno.

O ensino colaborativo tem sido utilizado para favorecer a inclusão escolar, envolvendo a parceria direta entre professores da educação comum e especial para ensinar de forma colaborativa, ambos compartilham a responsabilidade de planejar e ajustar a aula em benefício aos estudantes com necessidades educacionais especiais em classes comuns. Na perspectiva da inclusão escolar, os professores devem sempre buscar o trabalho em equipe, compartilhar suas habilidades e experiências e assim auxiliar o aluno na aprendizagem e/ou comportamento.

METODOLOGIA

O presente estudo realizou uma pesquisa exploratória, pois têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema tornando-o mais explícito e com aprimoramento de ideias (Gil, 2002).

O estudo parte de uma revisão bibliográfica composta por autores que elaboraram trabalhos pertinentes sobre "Desenho Universal para a Aprendizagem", "práticas pedagógicas inclusivas", "Transtorno do Espectro do Autismo" e "Ensino Colaborativo". Tais objetos foram pesquisados em fontes secundárias como trabalhos acadêmicos, artigos, livros e afins, que foram aqui selecionados.

Optou-se por realizar uma análise qualitativa dos dados através da análise temática por ser flexível e enfatizar o subjetivo como meio de compreender e interpretar as experiências.

É uma pesquisa iniciada que será realizada em campo no município de Ananindeua-Pará. Especificamente, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Nelson Pereira Dias, situada na zona urbana periférica, que atende o Ensino Fundamental Anos Iniciais. Em 2024, dos vinte e seis alunos com deficiência matriculados no AEE da escola, vinte e quatro são autistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apresentados corroboram para a eficácia das práticas docentes baseadas nos princípios do DUA como uma estratégia para promover a inclusão de alunos com TEA. O trabalho com o engajamento, participação e desenvolvimento de habilidades dos alunos sugere que o DUA oferece um quadro sólido e abrangente para a criação de ambientes de aprendizagem acessíveis e inclusivos.

Os resultados também apontam para a importância de uma abordagem centrada no aluno, que reconheça as peculiaridades e valorize as habilidades e potencialidades de cada estudante com TEA. Ao oferecer uma variedade de recursos, estratégias e oportunidades de aprendizagem, os professores podem criar um ambiente que permita que esses alunos alcancem seu máximo potencial acadêmico e social.

As práticas docentes baseadas no DUA são associadas ao desenvolvimento de habilidades sociais e comunicativas dos alunos com TEA. Estratégias que enfatizam a interação social, o trabalho em grupo e a comunicação alternativa são especialmente eficazes nesse sentido.

Adaptações no espaço físico da sala de aula, uso de tecnologias assistivas como a Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA), plano individualizado quando necessário, disponibilização de recursos em diferentes formatos contribuem para tornar o ambiente mais inclusivo e acolhedor para esses alunos.

Além disso, a parceria dos professores da sala comum e educação especial no trabalho pedagógico, a cultura colaborativa sendo implantada na escola favorece a aprendizagem e o acesso ao currículo, por todos os estudantes. No entanto, é importante reconhecer que a implementação efetiva do DUA requer tempo, esforço e recursos adequados. O apoio institucional e o desenvolvimento profissional contínuo são essenciais para garantir que os professores possam implementar com sucesso as práticas pedagógicas baseadas no DUA e promover a inclusão de todos os alunos, incluindo aqueles com TEA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das complexidades e desafios encontrados no contexto educacional atual, a busca por estratégias pedagógicas eficazes para promover a inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo torna-se cada vez mais premente. A partir da investigação teórica do Desenho Universal para a Aprendizagem, esse estudo revelou insights valiosos e perspectivas

promissoras para atender a essa demanda crescente por uma educação verdadeiramente inclusiva.

A implementação do DUA na prática docente emergiu como uma estratégia altamente relevante e eficaz para a promoção da inclusão de estudantes com TEA. Os princípios do DUA, que visam criar ambientes de aprendizagem acessíveis a todos os alunos, independentemente de suas habilidades, necessidades ou características individuais, proporcionam uma base sólida para a construção de práticas pedagógicas inclusivas e centradas no aluno.

Ao adotar o DUA, os professores têm a oportunidade de desenvolver estratégias de ensino flexíveis e adaptáveis, que atendam às diversas necessidades de aprendizagem de seus alunos com TEA. A flexibilidade na apresentação do conteúdo, nas atividades de aprendizagem e nas formas de avaliação, aliada a uma variedade de recursos e materiais, permite que os professores personalizem o ensino para cada aluno, promovendo seu engajamento e participação ativa no processo de aprendizagem.

Além disso, a integração do DUA na prática docente não apenas beneficia os alunos com TEA, mas também toda a comunidade escolar. Ao criar ambientes de aprendizagem mais inclusivos, os professores estão contribuindo para a promoção de uma cultura de respeito, aceitação e valorização da diversidade, preparando todos os alunos para viver em uma sociedade cada vez mais inclusiva e diversificada.

No entanto, é importante reconhecer que a implementação efetiva do DUA requer um compromisso contínuo com a formação profissional, o desenvolvimento de recursos adequados e o apoio institucional de forma colaborativa. Os desafios e obstáculos enfrentados ao longo desse processo não devem ser subestimados, mas sim vistos como oportunidades para o crescimento e aprimoramento contínuo.

Portanto, diante das evidências apresentadas, fica explícito que a prática docente baseada nos princípios e nas diretrizes do Desenho Universal para a Aprendizagem é uma estratégia promissora e necessária para a inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo. Desse modo, para ampliar os achados apresentados até então, esse estudo será implementado na prática com estudantes autistas.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BORGES, Adriana Araújo Pereira; SCHMIDT, Carlo. Desenho universal para aprendizagem: uma abordagem para alunos com autismo em sala de aula. **Revista teias** V. 22, N. 66, jul./set.2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo Escolar da Educação Básica 2022: Resumo Técnico**. Brasília, 2023.

_____. Lei 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília, Presidência da República, Casa Civil, 2015.

_____. **Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. MEC/SEESP. Brasília, MEC, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2024.

CAPELLINI, Vera L. Messias Fialho; ZERBATO, Ana Paula. O que é ensino colaborativo? – 1.ed. – São Paulo: **Edicon**, 2019.

CAST. **Diretrizes de Design Universal para Aprendizagem**. versão 2.2. Obtido em <http://udlguidelines.cast.org>. ELENCO, 2018. Acesso em: 12 fev. 2024.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª ed. São Paulo: **Atlas**, 2002.

HEREDERO, Eladio Sebastián-. **Diretrizes para o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA)**. Rev. Bras. Ed. Esp., Bauru, v.26, n.4, p. 733-768, Out-Dez, 2020.

MENDES, Eniceia Gonçalves. *et al.* Práticas inclusivas inovadoras no contexto da classe comum: dos especialismos às abordagens universalistas. 1. ed. Campos dos Goytacazes, RJ: **Encontrografia Editora**, 2023.

ORSATI, F.T. Acomodações, modificações e práticas efetivas para a sala de aula inclusiva. **Temas sobre Desenvolvimento**, 2013.

PRAIS, J.L.S. Formação inclusiva com licenciadas em pedagogia: ações pedagógicas baseadas no desenho universal para a aprendizagem. **Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza)** – Universidade Tecnológica Federal do Paraná- Londrina, 2016.

ZERBATO, Ana Paula. Desenho Universal para Aprendizagem na Perspectiva da Inclusão Escolar: Potencialidades e limites de uma formação colaborativa. **Tese (Doutorado)** Universidade Federal de São Carlos-São Carlos-SP, 2018.